



A Santa Sé

CARTA DO PAPA BENTO XVI POR OCASIÃO DO XVI CENTENÁRIO DA MORTE DE SÃO JOÃO CRISÓSTOMO

Venerados Irmãos

no episcopado e no sacerdócio

Caríssimos irmãos e irmãs em Cristo!

1. Introdução

Celebra-se este ano o XVI centenário da morte de São João Crisóstomo, grande Padre da Igreja para o qual olham com veneração os cristãos de todos os tempos. Na Igreja antiga João Crisóstomo distingue-se por ter promovido aquele "frutuoso encontro entre a mensagem cristã e a cultura helénica" que "teve um impacto duradouro nas Igrejas do Oriente e do Ocidente" [1]. Quer a vida quer o magistério doutrinal do Santo Bispo e Doutor ressoam em todos os séculos e ainda hoje suscitam a admiração universal. Os Pontífices Romanos reconheceram sempre nele uma fonte viva de sabedoria para a Igreja e a sua atenção pelo seu magistério aumentou ainda mais durante o último século. Há cem anos São Pio X comemorou o XV centenário da morte de São João convidando a Igreja a imitar as suas virtudes [2]. O Papa Pio XII ressaltou o grande valor da contribuição que São João ofereceu para a história da interpretação das Sagradas Escrituras com a teoria da "condescendência", ou seja, da "*synkatábasis*". Através dela Crisóstomo reconheceu que "as palavras de Deus, expressas através dos homens, se tornaram semelhantes à linguagem humana" [3]. O Concílio Vaticano II incorporou esta observação na Constituição dogmática *Dei Verbum* sobre a Revelação Divina [4]. O Beato João XXIII ressaltou a compreensão profunda que Crisóstomo tinha do vínculo íntimo entre a liturgia eucarística e a solicitude pela Igreja universal [5]. O Servo de Deus Paulo VI frisou o modo como ele "tratou, com tanta nobreza de linguagem e sagacidade de piedade, o Mistério Eucarístico" [6]. Desejo recordar o gesto solene com o qual o meu amadíssimo Predecessor, o Servo de Deus João Paulo II, em Novembro de 2004 entregou importantes relíquias dos Santos João Crisóstomo e Gregório Nazianzeno ao Patriarcado ecuménico de Constantinopla. O Pontífice ressaltou como aquele gesto era verdadeiramente para a Igreja Católica e para as Igrejas Ortodoxas "uma ocasião abençoada para purificar as nossas memórias feridas, para fortalecer o nosso caminho de reconciliação" [7]. Eu mesmo, durante a

viagem apostólica à Turquia, precisamente na Catedral do Patriarcado de Constantinopla, tive a oportunidade de recordar "os insignes santos e pastores que vigiaram sobre a Sé de Constantinopla, entre os quais São Gregório de Nazianzo e São João Crisóstomo, que também o Ocidente venera como Doutores da Igreja... Na realidade, eles são dignos intercessores por nós diante do Senhor" [8]. Portanto sinto-me feliz porque a circunstância do XVI centenário da morte de São João me oferece a oportunidade de reevocar a sua luminosa figura e propô-la à Igreja universal para a comum edificação.

2. A vida e o ministério de São João

São João Crisóstomo nasceu em Antioquia da Síria nos meados do século IV. Foi instruído nas artes liberais segundo a prática tradicional do seu tempo e revelou-se particularmente dotado na arte do discurso público. Durante os seus estudos, quando ainda era jovem, pediu o baptismo e aceitou o convite do seu Bispo, Melésio, para prestar serviço de leitor na Igreja local [9]. Naquele período os fiéis estavam perturbados com a dificuldade de encontrar um modo adequado para expressar a divindade de Cristo. João tinha-se alinhado com aqueles fiéis ortodoxos que, em sintonia com o Concílio ecuménico de Niceia, confessavam a plena divindade de Cristo, mas mesmo procedendo assim, tanto ele como os outros fiéis não encontravam em Antioquia o favor do governo imperial [10]. Depois do seu baptismo João abraçou a vida ascética. Por influência do seu mestre Teodoro de Tarso, decidiu permanecer celibatário por toda a vida e dedicou-se à oração, ao jejum rigoroso e ao estudo da Sagrada Escritura [11]. Afastando-se de Antioquia, por seis anos conduziu uma vida ascética no deserto da Síria e começou a escrever tratados sobre a vida espiritual [12]. Em seguida, regressou a Antioquia onde, mais uma vez, serviu a Igreja como leitor e, mais tarde, durante cinco anos, como diácono. Em 386, chamado ao presbiterado por Flaviano, Bispo de Antioquia, acrescentou também o ministério da pregação da Palavra de Deus ao da oração e da actividade literária [13].

Durante os doze anos de ministério presbiteral na Igreja antioquena, João distinguiu-se muito pela sua capacidade de interpretar as Sagradas Escrituras de modo compreensível aos fiéis. Na sua pregação ele empenhava-se com fervor para reforçar a unidade da Igreja fortalecendo nos seus ouvintes a identidade cristã, num momento histórico no qual estava ameaçada quer do interior quer do exterior. Justamente, ele intuiu que a unidade entre os cristãos dependia sobretudo de uma verdadeira compreensão do mistério central da fé da Igreja, o da Santíssima Trindade e da Encarnação do Verbo Divino. Todavia, consciente das dificuldades destes mistérios, João dedicava grande empenho em fazer com que o ensinamento da Igreja fosse acessível às pessoas simples da sua assembleia, tanto em Antioquia como, mais tarde, em Constantinopla [14]. E não deixava de se dirigir também aos discordantes, preferindo usar com eles a paciência e não a agressividade, porque acreditava que para superar um erro teológico "nada é mais eficaz do que a moderação e a gentileza" [15].

A fé sólida de João e a sua habilidade na pregação deram-lhe a possibilidade de pacificar os

Antioquenos quando, no início do seu presbiterado, o Imperador aumentou a pressão fiscal sobre a cidade causando uma revolta durante a qual alguns monumentos públicos foram destruídos. Depois da revolta o povo, receando a cólera do Imperador, tinha-se reunido na igreja, desejosa de ouvir de João palavras de esperança cristã e de conforto: "Se nós não vos confortamos, onde podereis encontrar conforto?", disse-lhes [16]. Nos seus sermões durante a quaresma daquele ano, João expôs todos os acontecimentos relacionados com a revolta e recordou aos seus ouvintes as atitudes que devem caracterizar o compromisso cívico dos cristãos [17], sobretudo a rejeição de meios violentos na promoção de mudanças políticas e sociais [18]. Nesta perspectiva, exortava os fiéis ricos a praticar a caridade para com os pobres, a fim de construir uma cidade mais justa e, ao mesmo tempo, recomendava que os mais instruídos aceitassem ser mestres e que todos os cristãos se reunissem nas igrejas para aprender a carregar os pesos uns dos outros [19]. Se era necessário, também sabia consolar os seus ouvintes fortalecendo a sua esperança e encorajando-os a ter confiança em Deus, tanto para a salvação temporal como para a eterna [20], dado que "a tribulação produz a paciência, a paciência, a virtude provada e a virtude provada, a esperança" (*Rm 5, 3-4*) [21].

Depois de ter servido a Igreja antioquena como presbítero e pregador por doze anos, João foi consagrado Bispo de Constantinopla em 398, e ali permaneceu durante cinco anos e meio. Naquela função, ele ocupou-se da reforma do clero, estimulando os presbíteros, quer com as palavras quer com o exemplo, a viver em conformidade com o Evangelho [22]. Apoiou os monges que viviam na cidade e ocupou-se das suas necessidades materiais, mas procurou reformar a sua vida, ressaltando que eles se tinham proposto dedicar-se exclusivamente à oração e a uma vida retirada [23]. Atento a evitar qualquer ostentação de luxo e a adoptar, mesmo sendo Bispo de uma capital do império, um estilo de vida modesto, foi generosíssimo na distribuição das esmolas aos pobres. João dedicava-se à pregação todos os domingos e nas festas principais. Estava muito atento a fazer com que os aplausos, com frequência recebidos pela sua pregação, não o induzissem a perder o interesse pelo Evangelho que pregava. Por isso, por vezes lamentava-se porque com frequência a mesma assembleia que aplaudia as suas homilias ignorava as exortações a viver autenticamente a vida cristã [24]. Denunciou incansavelmente o contraste que existia na cidade entre o desperdício extravagante dos ricos e a indigência dos pobres e, ao mesmo tempo, em sugerir aos ricos que acolhessem os desabrigados nas suas casas [25]. Via Cristo no pobre; por isso, convidava os seus ouvintes a fazer o mesmo e a agir por consequência [26]. Foram tão persistentes a defesa do pobre e a reprovação de quem era muito rico, que suscitou a contrariedade e também a hostilidade contra ele por parte de alguns ricos e de quantos detinham o poder político [27].

Entre os Bispos do seu tempo João foi extraordinário pelo zelo missionário; enviou missionários para difundir o Evangelho entre os que ainda não o conheciam [28]. Construiu hospitais para a cura dos doentes [29]. Pregando em Constantinopla sobre a Carta aos Hebreus, afirmou que a assistência material da Igreja se deve alargar a cada necessitado, sem ter em conta o credo religioso: "o necessitado pertence a Deus, mesmo se é pagão ou judeu. Mesmo se não crê, é

digno de ajuda" [30].

O papel de Bispo na capital do Império do Oriente impunha que João mediasse as delicadas relações entre a Igreja e a corte imperial. Ele encontrou-se com frequência a ser objecto de hostilidades da parte de muitos oficiais imperiais, às vezes devido à sua firmeza em criticar o luxo excessivo com que se circundavam. Ao mesmo tempo a sua posição de Arcebispo metropolitano de Constantinopla colocava-o na difícil e delicada situação de ter que negociar uma série de questões eclesiais que envolviam outros Bispos e outras sedes. Como consequência das intrigas arquitetadas contra ele por adversários poderosos, tanto eclesiásticos como imperiais, foi condenado duas vezes pelo imperador ao exílio. Faleceu a 14 de Setembro de há 1600 anos, em Comana do Ponto durante a viagem rumo à meta final do seu segundo exílio, distante do seu amado rebanho de Constantinopla.

3. *O magistério de São João*

A partir do século V, Crisóstomo foi venerado pela inteira Igreja cristã, oriental e ocidental, pelo seu testemunho corajoso em defesa da fé eclesial e pela sua dedicação generosa ao ministério pastoral. O seu magistério doutrinal e a sua pregação, como também a sua solicitude pela Sagrada Liturgia mereceram-lhe depressa o reconhecimento de Padre e Doutor da Igreja. Também a sua fama de pregador era consagrada, já a partir do século VI, com a atribuição do título "Boca de ouro", em grego "Crisóstomo". Dele escreve Santo Agostinho: "Observa, Juliano, em qual assembleia te introduzi. Aqui está Ambrósio de Milão... aqui João de Constantinopla... aqui Basílio... aqui os outros, e o seu admirável consentimento deveria fazer-te reflectir... Eles resplandeceram na Igreja católica pelo estudo da doutrina. Revestidos e protegidos pelas armas espirituais guiaram vigorosas guerras contra os hereges e, depois de terem levado fielmente ao termo as obras que lhes foram confiadas por Deus, dormem no seio da paz... Eis o lugar no qual te introduzi, a assembleia destes santos não é a multidão do povo: eles não são só filhos, mas também Padres da Igreja" [31].

Digno de especial menção é depois o extraordinário esforço realizado por São João Crisóstomo para promover a reconciliação e a plena comunhão entre os cristãos do Oriente e do Ocidente. Em particular, foi decisiva a sua contribuição para pôr fim ao cisma que separava a sede de Antioquia da de Roma e das outras Igrejas ocidentais. Na época da sua consagração como Bispo de Constantinopla João enviou uma delegação ao Papa Sirício, a Roma. Em apoio desta missão, em vista do seu projecto de pôr fim ao cisma, ele obteve a colaboração do Bispo de Alexandria do Egipto. O Papa Sirício respondeu favoravelmente à iniciativa diplomática de João; o cisma foi assim resolvido pacificamente e restabelecida a plena comunhão entre as Igrejas.

Sucessivamente, nos finais da sua vida, tendo regressado a Constantinopla do primeiro exílio, João escreveu ao Papa Inocêncio e também aos Bispos Venério de Milão e Cromácio de Aquileia, para pedir ajuda no esforço de restabelecer a ordem na Igreja de Constantinopla,

dividida por causa das injustiças cometidas contra ele. João solicitava do Papa Inocêncio e dos outros Bispos ocidentais uma intervenção que "conceda como ele escreveu benevolência não só a nós, mas a toda a Igreja" [32]. De facto, no pensamento de Crisóstomo, quando uma parte da Igreja sofre por uma ferida, toda a Igreja sofre pela mesma ferida. O Papa Inocêncio defendeu João com algumas cartas dirigidas aos Bispos do Oriente [33]. O Papa afirmava a sua plena comunhão com ele, ignorando a sua deposição que considerava ilegítima [34]. Escreveu depois a João para o confortar [35], e escreveu também ao clero e aos fiéis de Constantinopla para manifestar o pleno apoio ao seu Bispo legítimo: "João, o vosso Bispo, sofreu injustamente", reconhecia ele [36]. Além disso, o Papa reuniu um Sínodo de Bispos italianos e orientais com a finalidade de obter justiça para o Bispo perseguido [37]. Com o apoio do imperador do Ocidente, o Papa enviou uma delegação de Bispos ocidentais e orientais a Constantinopla, junto do imperador do Oriente, para defender João e pedir que um Sínodo ecuménico de Bispos lhe fizesse justiça [38]. Quando, pouco antes da sua morte no exílio, estes projectos falharam, João escreveu ao Papa Inocêncio para lhe agradecer o "grande conforto" que tinha sentido pelo generoso apoio que lhe fora concedido [39]. Na sua carta João afirmava que, apesar de estar separado pela grande distância do exílio, ele estava "dia após dia em comunhão" com ele, e dizia: "Tu superaste até o pai mais afectuoso na tua benevolência e no teu zelo para conosco".

Contudo suplicava-lhe que perseverasse no compromisso de procurar justiça para ele e para a Igreja de Constantinopla, porque "agora a batalha que tens diante de ti deve ser combatida em favor de quase todo o mundo, da Igreja humilhada ao máximo, do povo disperso, do clero agredido, dos Bispos mandados para o exílio, das antigas leis violadas". João escreveu também aos outros Bispos ocidentais para lhes agradecer o seu apoio [40]: entre eles, na Itália, Cromácio de Aquileia [41], Venério de Milão [42] e Gaudêncio de Bréscia [43].

Tanto em Antioquia como em Constantinopla João falou apaixonadamente da unidade da Igreja espalhada pelo mundo. A este propósito escreveu: "Os fiéis, em Roma, consideram os que estão na Índia como membros do seu próprio corpo" [44] e ressaltava que na Igreja não há espaço para as divisões. "A Igreja exclamava existe não para que quantos se reuniram se dividam, mas para que quantos estão divididos se possam unir" [45]. E encontrava nas Sagradas Escrituras a confirmação divina desta unidade. Pregando sobre a Primeira Carta de São Paulo aos Coríntios, recordava aos seus ouvintes que "Paulo se refere à Igreja como "Igreja de Deus" [46] mostrando que deve estar unida, porque se é de Deus está unida, e não só em Corinto, mas também no mundo: de facto, o nome da Igreja não é um nome de separação, mas de unidade e concórdia" [47].

Para João a unidade da Igreja está fundada em Cristo, o Verbo Divino que com a sua Encarnação se uniu à Igreja como a cabeça ao seu corpo [48]: "Onde está a cabeça, lá está também o corpo", e portanto "não há separação entre a cabeça e o corpo" [49]. Ele tinha compreendido que na Encarnação o Verbo Divino não só se fez homem, mas também se uniu a nós fazendo-se seu corpo [50]: "Dado que para ele não era suficiente fazer-se homem, ser açoitado e morto, ele une-

se a nós não só pela fé, mas também de facto nos torna seu corpo". Comentando o trecho da Carta de São Paulo aos Efésios: "Tudo de facto submeteu aos seus pés e constituiu-o sobre todas as coisas cabeça da Igreja, a qual é o seu corpo, a plenitude daquele que se realiza totalmente em todas as coisas" [51], João explica que "é como se a cabeça fosse completada pelo corpo, porque o corpo é composto e formado pelas suas várias partes. Portanto, o seu corpo é composto por todos. A cabeça é completa e o corpo tornado perfeito quando todos nós estamos juntos e unidos" [52]. João conclui então que Cristo une todos os membros da sua Igreja a si e entre eles. A nossa fé em Cristo exige que nos comprometamos por uma efectiva e sacramental união entre os membros da Igreja, pondo fim a todas as divisões.

Para Crisóstomo, a unidade eclesial que se realiza em Cristo é testemunhada de modo totalmente peculiar na Eucaristia. Denominado "doutor eucarístico" pela vastidão e profundidade da sua doutrina sobre o Santíssimo Sacramento" [53], ele ensina que a unidade sacramental da Eucaristia constitui a base da unidade eclesial em e por Cristo. "Certamente há muitas coisas para nos manter unidos. Uma mesa está posta diante de todos... a todos foi oferecida a mesma bebida ou, aliás, não só a mesma bebida mas também o mesmo cálice. O nosso Pai, querendo conduzir-nos a um terno afecto, dispôs também isto, que bebamos de um só cálice, o que se destina a um amor intenso" [54]. Reflectindo sobre as palavras da Primeira Carta de São Paulo aos Coríntios, "O pão que partimos não é porventura comunhão com o corpo de Cristo?" [55], João comenta: para o Apóstolo portanto, "assim como aquele corpo está unido a Cristo, assim também nós estamos unidos a Ele por meio deste pão" [56]. E ainda mais claramente, à luz das seguintes palavras do Apóstolo: "Pois nós, mesmo sendo muitos, somos um só pão, um só corpo" [57], João argumenta: "O que é o pão? O Corpo de Cristo. E o que se tornam eles quando o comemos? O corpo de Cristo; não muitos corpos, mas um só corpo. Assim como o pão, mesmo se feito de muitos grãos, se torna um... assim também nós estamos unidos quer uns aos outros quer a Cristo... Mas, se somos alimentados por um mesmo pão e todos nos tornamos a mesma coisa, por que não mostramos também o mesmo amor, de modo a tornarmo-nos também sob este aspecto uma só coisa?" [58].

A fé de Crisóstomo no mistério de amor que une os crentes a Cristo e entre eles conduziu-o a exprimir uma profunda veneração pela Eucaristia, uma veneração que alimentou particularmente na celebração da Divina Liturgia. Uma das mais ricas expressões da Liturgia oriental leva precisamente ao seu nome: "A Divina Liturgia de São João Crisóstomo". João compreendeu que a Divina Liturgia coloca espiritualmente o crente entre a vida terrena e as realidades celestes que lhe foram prometidas pelo Senhor. Ele expressava a Basílio Magno o seu temor reverencial ao celebrar os sagrados mistérios com estas palavras: "Quando tu vês o Senhor imolado que jaz sobre o altar e o sacerdote que, estando de pé, reza sobre a vítima... ainda podes pensar que estás entre os homens, que estás na terra? Não és, ao contrário, imediatamente transportado para o céu?". Os ritos sagrados, diz João, "não são só maravilhosos para ver, mas extraordinários pelo temor reverencial que suscitam. Ali está em pé o sacerdote... que faz descer o Espírito Santo, e reza prolongadamente para que a graça que desce sobre o sacrifício possa iluminar

naquele lugar as mentes de todos e torná-las mais maravilhosas que a prata purificada no fogo. Quem pode desprezar este venerando mistério?" [59].

Com grande profundidade Crisóstomo desenvolve a reflexão sobre os efeitos da comunhão sacramental nos crentes: "O sangue de Cristo renova em nós a imagem do nosso Rei, produz uma beleza indizível e não permite que seja destruída a nobreza das nossas almas, mas continuamente a irriga e alimenta" [60]. Por isso João exorta com frequência e insistência os fiéis a aproximar-se dignamente do altar do Senhor, "não com leviandade... não por hábito e formalidade", mas com "sinceridade e pureza de espírito" [61]. Ele repete incansavelmente que a preparação para a Sagrada Comunhão deve incluir o arrependimento dos pecados e a gratidão pelo sacrifício realizado por Cristo para a nossa salvação. Portanto ele exorta os fiéis a participar plena e devotamente nos ritos da Divina Liturgia e a receber com as mesmas disposições a Sagrada Comunhão: "Não deixeis, suplicamos-vos, que sejamos mortos pela vossa irreverência, mas aproximai-vos d'Ele com devoção e pureza, e quando o virdes diante de vós, dizei a vós mesmos: "Em virtude deste corpo eu já não sou terra e cinza, já não sou prisioneiro, mas livre; em virtude disto espero no paraíso, e receber os seus bens, a herança dos anjos, e conversar com Cristo"" [62].

Naturalmente, da contemplação do Mistério ele tira depois também as consequências morais nas quais envolve os seus ouvintes: ele recorda-lhes que a comunhão com o Corpo e o Sangue de Cristo os obriga a oferecer assistência material aos pobres e aos famintos que vivem entre eles [63]. A mesa do Senhor é o lugar onde os crentes se reconhecem e acolhem o pobre e o necessitado que talvez antes tenham ignorado [64]. Ele exorta os fiéis de todos os tempos a olhar além do altar sobre o qual é oferecido o sacrifício eucarístico e a ver Cristo na pessoa dos pobres, recordando que graças à ajuda prestada podem oferecer no altar de Cristo um sacrifício agradável a Deus [65].

4. Conclusão

Todas as vezes que encontramos estes nossos Padres escreveu o Papa João Paulo II em relação a outro grande Padre e Doutor, São Basílio, "somos por eles confirmados na fé e encorajados na esperança" [66]. O XVI centenário da morte de São João Crisóstomo oferece uma ocasião bastante propícia para incrementar os estudos sobre ele, recuperar os seus ensinamentos e difundir a devoção a ele. Estou espiritualmente presente com ânimo grato e faço bons votos às várias iniciativas e celebrações que são organizadas por ocasião deste XVI centenário. Gostaria de expressar também o meu desejo fervoroso de que os Padres da Igreja "em cuja voz ressoa a constante Tradição cristã" [67] se tornem cada vez mais um ponto firme de referência para todos os teólogos da Igreja. Regressar a eles significa remontar às fontes da experiência cristã, para saborear o seu vigor e genuidade. Portanto, que melhores votos poderia desejar aos teólogos do que os de um renovado compromisso por recuperar o património sapiencial dos santos Padres? Certamente obtêm um enriquecimento precioso para a sua

reflexão também sobre os problemas deste nosso tempo.

Apraz-me terminar esta carta com uma última palavra do grande Doutor, na qual ele convida os seus fiéis e também nós, naturalmente a reflectir sobre os valores eternos: "Ainda por quanto tempo estaremos apegados à realidade presente? Quanto tempo será ainda necessário antes de despertarmos? Ainda por quanto tempo descuidaremos a nossa salvação? Deixai-nos recordar aquilo de que Cristo nos considerou dignos, deixai que lhe agradeçamos, glorifiquemos, não só com a nossa fé, mas também com as nossas obras efectivas, que possamos obter os bens futuros pela graça e amorosa ternura de nosso Senhor Jesus Cristo, pelo qual e com o qual sejam glorificados o Pai e o Espírito Santo, agora e por todos os séculos. Amém" [68].

A todos a minha Bênção!

Castel Gandolfo, 10 de Agosto de 2007, terceiro ano de Pontificado.

BENEDICTUS PP. XVI

NOTAS

[1] Cf. Benedictus XVI, *Discurso na Igreja Patriarcal de São Jorge no Fanar, Istambul*, 29 de Novembro de 2006.

[2] Cf. Pius X, *Epistola venerabili Vincentio S.R.R. Card. Vannutelli* (22 Iulii 1907): *Acta Sanctae Sedis, Ephemerides Romanae*, 40 (1907) 453-455.

[3] Cf. Pius XII, Litt. Enc. *Divino afflante spiritu* (30 de Setembro de 1943): AAS 35 (1943) 316.

[4] Cf. Concilium Vaticanum II, *Dei Verbum*, n. 13, 18 de Novembro de 1965. Cf. Paulus VI, *Discurso aos professores italianos de Sagrada Escritura por ocasião da XXII semana bíblica nacional*, 29 de Setembro de 1972.

[5] Cf. Ioannes XXIII, Litt. Enc. *Princeps pastorum* (28 de Novembro de 1959): AAS 51 (1959) 846-847.

[6] Cf. Paulus VI, Litt. Enc. *Mysterium fidei*, n. 17 (3 de Setembro de 1965) AAS 57 (1965) 756.

[7] Cf. Benedictus XVI, *Discurso durante a recitação do Angelus, Castel Gandolfo*, 18 de Setembro de 2005; id., *Sacramentum caritatis*, n. 13, 22 de Fevereiro de 2007.

[8] Cf. Ioannes Paulus II, *Carta ao Patriarca ecuménico de Constantinopla, Sua Santidade Bartolomeu I*, 27 de Novembro de 2004.

- [9] Cf. Benedictus XVI, *Discurso na Igreja Patriarcal de São Jorge no Fanar, Istambul*, 29 de Novembro de 2006.
- [10] Cf. Johannes Chrysostomus, *De sacerdotio* 1, 1-3 (SCh 272, 60-76); Palladius, *Dialogus de vita Joannis Chrysostomi* 5 (SCh 341, 104-119).
- [11] Cf. Theodoretus Cyrrhensis, *Historia religiosa* 2, 15; 8, 5-8 (SCh 234, 226-8; 382-92).
- [12] Cf. Johannes Chrysostomus, *Laus Diodori episcopi* (OG 52, 761-766); Sócrates, *Historia ecclesiastica* 6, 3 (GCS, n.f. 1, 313-315); Sozomenus, *Historia ecclesiastica* 8, 2 (GCS 50, 350-351).
- [13] Cf. Palladius, *Dialogus de vita Joannis Chrysostomi* 5 (SCh 341, 108-110).
- [14] Cf. Palladius, *Dialogus de vita Joannis Chrysostomi* 5 (SCh 341, 110-112).
- [15] Cf. Johannes Chrysostomus, *De incomprehensibili dei natura*, (SCh 28 bis, 93- 322). Cf. id., *In illud: Pater meus usque modo operatur* (PG 63, 511-516); id., *In illud: Filius ex se nihil facit* (PG 56, 247-256).
- [16] Cf. Johannes Chrysostomus, *De incomprehensibili dei natura* 1, 352-353 (SCh 28bis, 132).
- [17] Cf. Johannes Chrysostomus, *Ad populum Antiochenum* 6, 1 (PG 49, 81).
- [18] Cf. Johannes Chrysostomus, *Ad populum Antiochenum* 2-21 (PG 49, 33-222); id., *Ad illuminandos catecheses* 2 (PG 49, 231-240).
- [19] Cf. Johannes Chrysostomus, *Ad populum Antiochenum* 2, 1-3 (PG 49, 33-38).
- [20] Cf. Johannes Chrysostomus, *Ad populum Antiochenum* 2, 5; 12, 2; 17, 2 (PG 49, 40. 129. 180).
- [21] Cf. Johannes Chrysostomus, *Ad populum Antiochenum* 3, 2; 16, 5 (PG 49, 49-50; 168-169)
- [22] Cf. Johannes Chrysostomus, *Ad populum Antiochenum* 4, 1 (PG 49, 62), citando *Rm* 5, 4.
- [23] Cf. Sócrates, *História ecclesiastica* 6, 4 (GCS, n.f. 1, 315-316); Sozomenus, *Historia ecclesiastica* 8, 3 (GCS 50, 352-353); Palladius, *Dialogus de vita Joannis Chrysostomi* 5 (SCh 341, 112).
- [24] Cf. Johannes Chrysostomus, *De Lazaro* 3, 1 (PG 48, 932).

- [25] Cf. Johannes Chrysostomus, *In illud: Pater meus usque modo operatur* (PG 63, 511-516); id., *In Acta apostolorum* 30, 4 (PG 60, 226-228); id., *Contra ludos et theatra* (PG 56, 263-270).
- [26] Cf. Johannes Chrysostomus, *In Acta apostolorum* 35, 5; 45, 3-4 (PG 60, 252; 318-319). Cf. Palladius, *Dialogus de vita Joannis Chrysostomi* 5 (SCh 341, 124).
- [27] Cf. Johannes Chrysostomus, *In epistulam ad Colossenses*, 1, 4 (PG 62, 304-305).
- [28] Cf. Johannes Chrysostomus, *Cum Saturninus et Aurelianus* 2 (PG 52, 415-416).
- [29] Cf. Theodoretus Cyrrensis, *Historia religiosa* 5, 31 (GCS 44, 330-331); cf. Johannes Chrysostomus, *Epistulae ad Olimpiadem* 9, 5 (SCh 13bis, 236-238).
- [30] Cf. Palladius, *Dialogus de vita Joannis Chrysostomi* 5, (SCh 341, 122).
- [31] Cf. Johannes Chrysostomus, *In epistulam ad Hebraeos* 10, 4 (PG 63, 88).
- [32] Cf. Augustinus Hipponensis, *Contra Iulianum libri sex*, 1, 7, 30-31 (PL 44, 661-662).
- [33] Cf. Johannes Chrysostomus, *Epistula ad Innocentium papam I* (SCh 342, 93).
- [34] Cf. Palladius, *Dialogus de vita Joanni Chrysostomi* 3 (SCh 341, 64-68); Innocentius I, *Epistula* 5 (PL 20, 493-495).
- [1] Cf. Palladius, *Dialogus de vita Joannis Chrysostomi* 3 (SCh 341, 66-68).
- [36] Cf. Sozomenus, *Historia ecclesiastica* 8, 26 (GCS 50, 384-385).
- [37] Cf. Sozomenus, *Historia ecclesiastica* 8, 26 (GCS 50, 385-387).
- [38] Cf. Palladius, *Dialogus de vita Joannis Chrysostomi* 4 (SCh 341, 84).
- [39] Cf. Palladius, *Dialogus de vita Joannis Chrysostomi* 3-4 (SCh 341, 80-86).
- [40] Cf. Johannes Chrysostomus, *Epistula ad Innocentium papam II* (PG 52, 535-536).
- [41] Cf. Johannes Chrysostomus, *Epistulae* 157-161 (PG 52, 703-706).
- [42] Cf. Johannes Chrysostomus, *Epistula* 155 (PG 52, 702-703).
- [43] Cf. Johannes Chrysostomus, *Epistula* 182 (PG 52, 714-715).

[44] Cf. Johannes Chrysostomus, *Epistula* 184, (PG 52, 715-716).

[45] Cf. Johannes Chrysostomus, *In Joannem* 65, 1 (PG 59, 361-362).

[46] Cf. Johannes Chrysostomus, *In epistulam i ad Corinthos* 27, 3 (PG 61, 228).

[47] Cf. *1 Cor* 1, 2.

[48] Cf. Johannes Chrysostomus, *In epistulam i ad Corinthos* 1, 1 (PG 61, 13).

[49] Cf. Johannes Chrysostomus, *In epistulam i ad Corinthos* 30, 1 (PG 61, 249-251); id., *In epistulam ad Colossenses* 3, 2-3 (PG 62, 320); id., *In epistulam ad Ephesios* 3, 2 (PG 62, 26).

[50] Cf. Johannes Chrysostomus, *In epistulam ad Ephesios* 3, 2 (PG 62, 26).

[51] Cf. Johannes Chrysostomus, *In Matthaeum* 82, 5 (PG 58, 743).
Cf. *Ef* 1, 22-23.

[52] Cf. Johannes Chrysostomus, *In epistulam ad Ephesios* 3, 2 (PG 62, 26). Cf. *ibid.*, 20, 4 (PG 62, 140-141).

[53] Cf. Benedictus XVI, *Discurso durante a recitação do Angelus*, Castel Gandolfo, 18 de Setembro de 2005.

[54] Cf. Johannes Chrysostomus, *In Matthaeum* 32, 7 (PG 57, 386).

[55] Cf. *1 Cor* 10, 16.

[56] Cf. Johannes Chrysostomus, *In epistulam i ad Corinthos* 24, 2 (PG 61, 200). Cf. id., *In Ioannem* 46, 3 (PG 63 260-261); id., *In epistulam ad Ephesios* 3, 4 (PG 62, 28-29).

[57] Cf. *1 Cor* 10, 17.

[58] Cf. Johannes Chrysostomus, *In epistulam i ad Corinthos* 24, 2 (PG 61, 200).

[59] Cf. Johannes Chrysostomus, *De sacerdotio* 3, 4 (SCh 272, 142-146). Cf. Benedictus XVI, *Sacramentum caritatis*, n. 13, 22 de Fevereiro de 2007.

[60] Cf. Johannes Chrysostomus, *In Ioannem* 46, 3 (PG 63, 261).

[61] Cf. Johannes Chrysostomus, *In epistulam ad Ephesios* 3, 4 (PG 62, 28). Cf. id., *In epistulam i ad Corinthos* 24 (PG 61, 197-206); id., *In epistulam i ad Corinthos* 27, 4 (PG 61, 229-230); id., *In*

epistulam i ad Timotheum 15, 4 (PG 62, 583-586); id., *In Matthaeum* 82, 6 (PG 58, 744-746).

[62] Cf. Johannes Chrysostomus, *In epistulam i ad Corinthos* 24, 4 (PG 61, 203).

[63] Cf. Johannes Chrysostomus, *In epistulam i ad Corinthos* 27, 5 (PG 61, 230-231), id., *In Genesim* 5, 3 (PG 54, 602-603).

[64] Cf. Johannes Chrysostomus, *In epistulam i ad Corinthos* 27, 5 (PG 61, 230).

[65] Cf. Johannes Chrysostomus, *In epistulam i ad Corinthos* 20, 3 (PG 61, 540). Cf. id., *In epistulam ad Romanus* 21, 2-4 (PG 60, 603-607).

[66] Cf. Ioannes Paulus II, *Patres Ecclesiae*, n. 1 (2 de Janeiro de 1980).

[67] Cf. Benedictus XVI, *Discurso durante a Audiência geral*, 9 de Novembro de 2005.

[68] Cf. Johannes Chrysostomus, *In Ioannem* 46, 4 (PG 63, 262).

© Copyright 2007 - Libreria Editrice Vaticana

© Copyright - Libreria Editrice Vaticana